

PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO SEU ZÉ

Everaldo Costa Santana¹; Ana Cláudia Alves de Albuquerque ²; Shamara Angélica Cassiano da Paz Sousa Costa³

¹ Prefeitura da Cidade de Ipojuca- E-mail: everaldcostas@gmail.com

²Prefeitura da Cidade de Vitória de Santo Antão- E-mail: aninhha@gmail.com

³ Prefeitura da Cidade de Jaboatão dos Guararapes- E-mail: shamara_paz@hotmail.com

Resumo: A educação não formal vem crescendo e oportunizando a participação social cada vez mais. Ela é pensada de modo coletivo e busca a garantia da cidadania. A prática educativa construída nesses espaços abrange a aprendizagem compartilhada por sujeitos carregados de experiências, saberes, sonhos, cultura, etc. É nesta discussão que esse artigo está inserido, tratando-se de um relato de experiência em torno do “Projeto Seu Zé”, desenvolvido numa organização não governamental, o GIRAL. O Projeto apresenta como objetivo Realizar vivências culturais, artísticas e produção audiovisual, para o desenvolvimento integral de crianças de origens rurais em Glória do Goitá/PE. Este estudo está fundamentado em estudiosos, como: Freire (1996), Brandão (2007), Libâneo (2004), Gohn (2011), entre outros que ajudaram na construção desse diálogo. Os resultados atestam que os espaços não formais, mais especificamente o GIRAL, contribuem de uma maneira muito positiva para o desenvolvimentos de sujeitos de direitos. Esses espaços privilegiam os jovens como atores sociais, capazes de construir/reconstruir conhecimentos. Os jovens são valorizados e percebem seus talentos, suas capacidades.

Palavras-chave: Educação, Cidadania, Juventude.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um relato de experiência decorrente da prática educativa do Grupo de Informática e Ação Local- GIRAL e busca compartilhar a experiência vivenciada nessa instituição não governamental. As ações foram desenvolvidas no “Projeto Seu Zé” que objetivou: realizar vivências culturais, artísticas e produção audiovisual, para o desenvolvimento integral de crianças de origens rurais em Glória do Goitá/PE.

A maioria dos jovens que participam do GIRAL é de baixa renda e moradores da zona rural. Sabe-se que na zona rural, as dificuldades são maiores, no que diz respeito à educação, lazer, cultura, etc.

O GIRAL, a partir de suas práticas educativas é uma oportunidade de criação/construção de conhecimentos. Não há transferência de conhecimentos, mas troca de saberes entre os sujeitos. De acordo com Freire (1996, p.24):

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

É nesse processo de aprendizagem que o jovem garante o seu espaço, suas conquistas, seu pertencimento à sociedade de uma forma democrática.

A prática educativa acontece em várias instâncias da sociedade. Onde há pessoas, há educação. Diante deste fato, é pertinente apresentarmos o conceito de educação. Para Brandão (2007, p.10) não há uma única forma de educação, o que existe são educações: “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Assim, a educação acontece em volta das relações sociais, em que cada grupo tem suas especificidades.

Nesta linha de raciocínio, a educação ultrapassa os muros da instituição escolar. Segundo Brandão: “Não há uma forma única de educação nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. (2007, p.9)

Antes de adentrar na escola, as pessoas já vivenciam atos educacionais, seja na família, na rua, na igreja. O campo da educação é muito amplo, há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e se apresenta em diferentes formatos, sendo: a educação formal, não formal e informal. De acordo com Libâneo (2004, p.31), temos:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, etc [...]. A educação não formal seria a realizada em instituições educativas fora de marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada [...]. (2004, p.31)

Assim, neste artigo discutiremos sobre as práticas educacionais desenvolvidas em um espaço não-formal, espaço em há sujeitos ativos na participação social, ações coletivas em busca da cidadania. Um espaço que acredita na juventude para fazer transformação social, em que há a democratização e reconhecimento da comunicação/educação como direito humano.

De acordo com Gohn (2011, p.111): “Um dos supostos básicos da educação não formal

é o de que a aprendizagem das pessoas se dá por meio da prática social”. Desse modo, a educação acontece no espaço não formal, levando em consideração a experiências dos sujeitos, sempre de maneira coletiva, gerando um ensino-aprendizagem. Nesse contexto, há uma ação comunicativa, ponto principal para a criação/recriação de saberes.

Os espaços de educação não formal dão espaço para a atuação de sujeitos; sujeitos de direitos. Esses espaços atuam ao redor da fala, do diálogo, construção de saberes. Os sujeitos têm vez e voz na construção de uma sociedade mais igualitária. Gohn corrobora com esse diálogo, ao afirmar:

A voz ou vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregadas de emoções, pensamentos, desejos, etc. [...] Ao se expressar, os atores, sujeitos, dos processos de aprendizagens articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presentes, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um. (2011, p.114)

Assim, os sujeitos atuam no processo educacional como sujeitos pensantes, com direitos e deveres, compreendendo o outro e a si mesmo.

METODOLOGIA

Este artigo diz respeito a um relato de experiência desenvolvida no Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local- GIRAL. O GIRAL é uma instituição não governamental que tem a missão de contribuir com o desenvolvimento e sustentabilidade do Meio Ambiente, da Educação e da Tecnologia da Informação e Comunicação. Este espaço de educação não formal desenvolve diversos projetos, entre eles foi desenvolvido o “Projeto Seu Zé” que objetivou: realizar vivências culturais, artísticas e produção audiovisual, para o desenvolvimento integral de crianças de origens rurais em Glória do Goitá/PE.

Assim, discutiremos sobre essa experiência à luz de estudiosos, como: Brandão (2007), Freire (2011), Gohn (2011), Libâneo (2004), que forneceram subsídios teóricos para esta pesquisa.

Os dados foram coletados a partir de visitas a Organização e as escolas participantes do projeto. Nesses locais, foram realizadas entrevistas informais, com crianças, adolescentes e educadores do projeto. Eles falaram sobre os aprendizados e conquistas a partir da participação no projeto.

Na sede do Giral, além de falar com os educadores do projeto, os diretores da Organização falaram sobre a missão, os objetivos e as metas da Organização com o trabalho de educação não formal, a partir da criação de espaços educativos com estudantes rurais.

Desta forma, este artigo relata o processo de educação não formal vivenciado pela experiência da organização não governamental Giral, que tem contribuído com a melhoria do desenvolvimento educacional de crianças das escolas públicas rurais, em Glória do Goitá, Pernambuco.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Organização

Os relatos apresentam a experiência do Grupo de Informática, Comunicação e Ação Social- GIRAL. Esse grupo é uma Organização Não Governamental e fica localizada em Glória do Goitá, Pernambuco. Foi formalizada em 17 de outubro de 2007. Fundada por um grupo de universitários, a Instituição surgiu para atender a demanda de formação de crianças, adolescentes e jovens na área de tecnologia da informação e comunicação, favorecendo a inclusão digital para ampliar as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho e geração de renda na região.

A Organização é tema de pesquisas realizadas por estudantes de pós-graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Universidade Federal de Pernambuco, sobre os impactos de suas ações para o desenvolvimento local. Atualmente tem a missão de contribuir com o desenvolvimento e sustentabilidade do meio ambiente, da educação e da tecnologia da informação e comunicação.

No território, o GIRAL é reconhecido por sua atuação na área da educação para crianças e adolescentes. Dessa forma, participa dos Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente em três municípios: Glória do Goitá, Lagoa do Itaenga e Pombos. Também participa dos Conselhos de Cultura e de Políticas Sociais de Glória do Goitá.

As escolas são as grandes parceiras das ações. Elas abrem seus espaços para a Organização realizar ações e oficinas, indicam crianças para participar dos projetos e também, quando necessário, envia educadores para participarem do projeto e contribuir na formação das crianças de forma voluntária.

A Organização participa de eventos, campanhas e projetos que defendem a educação e os direitos da criança e do adolescente. Alguns projetos são realizados na sede da Organização e outros, ora na escola, ora na sede, como é o caso do Projeto Seu Zé. Nesses casos, os educadores do GIRAL vão até as escolas, principalmente as escolas do campo e lá realizam as formações em oficinas que são realizadas em horário do contra turno escolar.

Projeto Seu Zé

O Projeto volta-se para a realização de vivências culturais, artísticas e produção audiovisual, para o desenvolvimento integral de crianças de origens rurais em Glória do Goitá, Pernambuco. Em horário do contraturno escolar, elas participam de aulas de incentivo à leitura, produção textual e artística e produção de vídeos. São crianças que, além das aulas, tem acesso à arte, produzem artes e realizam intervenções em suas escolas.

O projeto surgiu para ampliar um trabalho já realizado pela Organização, em anos anteriores, mas que só contemplava jovens. No entanto, a Organização a partir da participação nos Conselhos Municipais, percebeu a necessidade de investir na educação integral das crianças que estudavam nas escolas públicas e que, além da escola, não participava de nenhum outro espaço para incentivo à arte e ao conhecimento. Muitas vivem em condições de vulnerabilidade social e em condições de trabalho infantil. De acordo com Freire (1996, p.76): “Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.”

Dessa forma, para atender esta demanda, a Organização decidiu desenvolver um projeto para contemplar as crianças das escolas públicas para que, no horário do contraturno escolar, pudesse vivenciar momentos de alegria e convivência para a construção de novos saberes e aprendizados, com um a metodologia atrativa, valorizando os saberes locais e incentivando o protagonismo.

Os princípios do projeto são baseados na teoria de Paulo Freire, com isso, além da valorização dos saberes locais e na crença nas pessoas, a metodologia de ensino volta-se para o ato da reflexão - ação - reflexão. De acordo com Freire (1996, p.38):

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomando como paciente do seu pensar, a intelegibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. [...] É preciso desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há intelegibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.

Dessa forma, incentiva-se a reflexão para a formação crítica, cidadã e consciente, seguida da ação. No caso desse projeto, além da melhoria do rendimento e comportamento escolar, as crianças pesquisaram suas comunidades e produziram vídeos que falam sobre a cultura, o cotidiano e as crenças do local.

Os princípios se voltam para a formação integral das pessoas, com o marco do respeito e da cultura de paz. Dessa forma, se valoriza os pilares da educação, para o desenvolvimento das crianças. Elas são estimuladas a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Acredita-se que só assim, e a partir da oportunidade ao conhecimento reflexivo para a prática é que se desenvolve o ser humano de forma integral. Dessa forma, além dos conhecimentos técnicos, os participantes são estimulados a usar o debate para a formação de conhecimentos e para a valorização da cultura popular.

No projeto, as crianças também podem avaliar e sugerir atividades. Elas não ficam na passividade. Elas são consideradas como sujeitos de direitos e de potenciais que precisam de oportunidades para a inclusão social, pois a maioria é de origens rurais e vivem na invisibilidade da vulnerabilidade social. Para o desenvolvimento integral, incentivam-se as crianças ao diálogo, ao discurso, a produção textual para a produção audiovisual.

Muitas chegam tímidas, envergonhadas com baixa estima e aos poucos vão se descobrindo, acreditando em si, criando novas perspectivas de aprendizado. Muito além da técnica do audiovisual, forma-se pessoas. Pessoas com sonhos e com problemas que vivem numa sociedade opressora, vulnerável, preconceituosa, discriminadora. Ensinam-se as crianças a enfrentar os desafios olhando para seus sonhos.

Os resultados são colhidos a partir de conversas com as crianças, pais e professores. Os participantes se tornam mais comunicativos. No projeto eles são ouvidos, recebem atenção e tem seus sonhos incentivados. Tendo seus sonhos incentivados, as crianças ficam mais focadas nos estudos, melhorando o rendimento, pois são orientadas e incentivadas para se dedicarem aos estudos como uma condição para a realização de seus sonhos. Nas formações, as crianças têm acesso ao conhecimento e informações sobre artistas, autores, jogadores e pessoas inspiradoras. Além disso, as aulas de cidadania e cultura de paz forma pessoas mais conscientes, críticas e, sobretudo, protagonistas e preocupadas com a melhoria na qualidade de vida.

A discussão sobre direitos é realizada nas formações de cidadania e nas demais áreas por entender que é um assunto interdisciplinar. No momento as crianças são incentivadas a falar e orientadas a agir no caso de negligências e abusos. Na região há muitos casos de trabalho infantil na agricultura e abuso sexual. Por isso, estes assuntos não podem ser silenciados.

O projeto incentiva a multiplicação de saberes e a prática da intervenção artística. Dessa forma, as crianças tem a oportunidade de circular pelas comunidades e escolas, mobilizando

peças e realizando intervenções. O projeto incentiva e apoia as crianças a realizarem intervenções artísticas e culturais nas comunidades, como a exibição de vídeos.

São crianças de muitos sonhos, que precisam de oportunidades, de incentivo e de pessoas que acreditem em seus potenciais. Seus saberes são diferentes e variados. Elas são pessoas que valorizam e conhecem a cultura popular do local onde vivem. São pessoas que não se envergonham de suas origens e orgulham-se da simplicidade da vida no campo. No local, não existem muitas oportunidades, nem políticas de acesso para a inclusão social, no entanto, a crença em dias melhores faz com que as pessoas tenham perspectivas de melhores condições de vida.

Dessa forma, as crianças são incentivadas à reflexão, a prática e a vivência da cultura popular local. Nas formações, as crianças são orientadas para a realização de pesquisas em suas comunidades. Entrevistam representantes de grupos e associações culturais, mestres de saberes locais, visitam espaços culturais e produzem textos, desenhos, quadros e encenações representando a cultura. As produções são expostas, apresentadas e divulgadas em eventos e redes sociais.

Nas produções, as crianças falam sobre os regionalismos, os desafios e sonhos, os sotaques e o dia a dia da vida no campo. Essa participação das crianças e adolescentes favorece e incentiva as pessoas para que esses grupos culturais permaneçam vivos, em meio a globalização e a tecnologia digital. Também cria vínculos para que as crianças de forma qualitativa faça a sucessão dos integrantes desses grupos. Além dos eventos, das produções e da formação cultural, as crianças também participam de mobilização, conselhos e entrevistam moradores para que todos possam reconhecer a importância da valorização cultural para o desenvolvimento de um povo.

O projeto tem a participação de educadores voluntários que por acreditarem no sonho das crianças e dos adolescentes se doam para que as formações sejam realizadas sempre da melhor forma. São pessoas que somam a missão do Giral para que muito além da contribuição para o desenvolvimento da educação, do meio ambiente e das tecnologias da informação e comunicação, as crianças sejam formadas com a oportunidade do acesso ao conhecimento para o desenvolvimento integral.

CONCLUSÃO

E educação não formal, geralmente, desenvolvida por organizações não governamentais tem ampliando conhecimentos para crianças, adolescentes e jovens que dela participam.

Tem sido uma oportunidade de acesso a novos e diversos saberes, que além de melhorar o desenvolvimento escolar, proporciona o acesso a cultura para a inclusão social. São experiências vivenciadas no contra turno da educação formal, em espaços educativos diferentes da sala de aula, mas que tem objetivos claros, entre eles: ampliar conhecimentos para melhorar a qualidade de vida.

Esses objetivos são constatados na experiência do projeto Seu Zé, desenvolvido pela Organização não governamental Giral, em Glória do Goitá, Pernambuco. Percebe-se que as crianças participantes se tornam mais comunicativas e falam com propriedade de seus sonhos, da cultura do local e dos aprendizados gerados a partir da participação no projeto.

A educação não formal relatada por esta experiência amplia conhecimentos e incentiva os estudantes à leitura, à escrita, à arte. Dessa forma, há uma série de “ganhos” para uma criança que tem a oportunidade de além da escola formal, aprender, conviver e empreender nesses ambientes educativos, que não ensinam os conhecimentos curriculares, diretamente, mas prepara para a vida, para a cidadania, para a cultura e para a inclusão social, com foco na melhoria da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007;

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GOHN, M.D.G. **Educação não formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2011;

LIBÂNEO, José Carlos. Et.al; coordenação de Selma Garrido Pimenta- **Pedagogia, ciência da educação?**- 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006;